Revista Brasileira de Educação em Geografia
www.revistaedugeo.com.br
ISSN 2236-3904

(RE) PENSANDO CORPO E CORPOREIDADE PELA PERFORMANCE E PELA ANÁLISE DE DISCURSO: efeitos de sentidos presentes no discurso discente sobre a Geografia

Cláudia Buch
claudynhabuch@gmail.com

Professora da Educação Básica na Secretaria de Educação do Paraná e pela Secretaria do Estado de Santa Catarina. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Federal do Paraná (UFPR). Endereço: Rua Felipe Schimidt, nº 1136. Centro. CEP 89300-000. Mafra/SC.

RESUMO

Este artigo refere-se a um projeto piloto realizado com alunos de sextos anos do ensino fundamental. Teve como objetivo desvelar os sentidos sobre aulas de geografia presentes nos discursos e performances fotográficas desses estudantes. Justificamos a prática metodológica pelo fato de tentar compreender melhor performances dos alunos que se demonstravam apáticos e indiferentes a propostas em sala de aula. Como metodologia para análise foi adotado um diálogo entre a Análise de Discurso de linha francesa e a Educação Performativa. Foi realizado experimentações performativas e inserção de atividades que envolvessem a corporeidade, mente e imaginação, para ensino e aprendizagem da geografia. Também, a intenção foi desconstruir sentidos significados quanto as normas tradicionais que desconsideram e disciplinam corpos e corporeidade. Se buscou trazer à tona esses sentidos, como também vislumbrar possibilidades quanto a junção da ciência geográfica e a Educação Performativa, para melhorias efetivas no processo escolar mais humanizado.

PALAVRAS-CHAVE

Geografia, Educação Performativa, Efeitos de sentido.

(RE) THINKING BODY AND CORPOREITY BY PERFORMANCE AND SPEECH ANALYSIS: effects of senses present in the student speech on Geography

ABSTRACT

(Re) thinking body and corporeity by Performance and AD: Effects of senses present in the student speech on Geography. Summary This article refers to a pilot project carried out with sixth-year primary school students. It aimed to unveil the senses about Geography classes present in the speeches and photographic performances of these students. We justified the methodological practice by trying to compete the performances of the students who were apathetic and indifferent to proposals in the classroom. As a methodology for analysis, a dialogue was adopted between the French Speech Analysis and Performative Education. Performative experiments and insertion of activities that involved corporeity, mind and imagination, were carried out for teaching and learning Geography. Also, the intention was to deconstruct meanings meant as traditional norms that disregard and discipline bodies and corporeity. The aim was to bring these senses to light, as well as to envisage possibilities for the combination of geographical science and performative education, for effective improvements in the more humanized school process.

KEYWORDS

Geography, Education, Performative, Effect of sense.

Introdução

A temática em questão surgiu de inquietações ao perceber entraves quanto resistências e apatia dos alunos de sextos anos, do ensino fundamental, às propostas metodológicas vigentes na disciplina de geografia. Foi o reconhecimento de um silenciamento corporal dos alunos, e ausência de interlocução entre professora, alunos e conhecimento, motor propulsor para esta práxis.

O diálogo entre a Análise de Discurso de linha francesa, que abreviaremos como AD, e a Educação Performativa, tem em sua essência conceitual a linguagem, formas e modos de comunicação, expressão, e interlocução. Reiteramos que a performance aqui tratada é diferentemente das noções abordadas em outros contextos que trazem a ideia de artístico e/ou desempenho, mas sim, quanto ação comunicativa (PINEAU, 2010, p. 93).No diálogo afinado entre a Educação Performativa e a AD, podemos perceber suas semelhanças conceituais ao nos referirmos ao sentido significado sobre performance docente o qual é materializado pelo *corpodiscurso*.

A educação ainda muito condicionada a heranças institucionalizadas, pela educação bancária, faz com que a escola seja meio de reprodução de um discurso pedagógico autoritário, com práticas que ainda desconsideram a fala do aluno e seu corpo como essenciais para uma pedagogia da autonomia. A Educação Performativa, como dispositivo teórico-metodológico, preza pela não separação entre corpo e pensamento, e (re)pensa o corpo e sua corporeidade na prática educativa, o qual muitas vezes percebemos inerte e engessado, "docilizado" pelas instituições, padrões e metodologias tradicionais e autoritárias.

> […] Isso já se tornou clichê na literatura educacional brasileira: falar na inércia a que o corpo foi submetido desde a institucionalização da Escola que, por sua vez, aprisionou o corpo na cadeira de forma a obrigá-lo a uma atenção necessária ao professor que professa a palavra verdadeira (PEREIRA, 2013,p. 20).

Para Conte (2016, p. 150), o que pode ser feito é desenvolver uma pedagogia performativa dos múltiplos espaços/tempos de formação, exercendo uma função mais formativa e menos informativa, que desacomode, incomode, desinstale e desafie com questões para o pensar, o aprender e o pesquisar. E ainda, de acordo com Pineau (2013, p. 37), trazer a performance para o campo educativo, é buscar "compreender e reformar as instituições que disciplinam os nossos corpos e mentes", desvelando os sentidos corporificados e materializados em suas performances.

Pelo olhar da AD, o espaço escolar, é visto como condições de produção de sentidos. Essas condições de produção, histórica, ideológicas e sociais, interpelam o indivíduo a ser sujeito, dando sentidos a aquilo que significa. O que redunda em dizer, assim como nossas palavras, nosso corpo já vem sendo significado, antes mesmo que não o tenhamos, conscientemente, significado. Dito de outro modo, o corpo significa, considerando sua materialidade discursiva, o indivíduo é interpelado em ser sujeito pela ideologia, e ao ser interpelado o sujeito deixa de ser um corpo empírico, só carne, para ser *corpodiscurso* (ORLANDI, 2016).

De acordo com Maria Pey, pela AD, "A linguagem, a fala, é um ato social; o discurso pedagógico pede interlocutor"(PEY, 1988, p. 21). E, é no encontro, no olhar, no gesto, no toque, que percebemos o outro e nos percebemos. O corpo como presença, necessita de reversibilidade, da locução e interlocução (entre professores e alunos), da dialogicidade, para que haja compreensão e apreensão do conhecimento.

A intenção desta prática docente performativa, foi sair da retórica, do discurso vazio, materializar possibilidades mais dialógicas. Com isso, as indagações buscam

desvelar quais são os sentidos significados nos alunos, sobre as metodologias praticadas nas aulas de geografia. Também, se buscou saber as contribuições da Educação Performativa como método, em relação as experimentações performativas, como ação-expressiva de sentidos por meio do *corpodiscursivo* dos alunos. E ainda, vislumbrar possibilidades de ressignificar a apreensão do conhecimento geográfico pela performance educativa.

Dialogicidade: fundamental na práxis docente

> Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão. [...] O diálogo é este encontro dos homens, mediatiza dos pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu. " (FREIRE, 1987, p. 78)

A prática docente, quando progressista, deve estar atenta à não reprodução do discurso racionalista, do *status quo* das classes dominantes, significada pelo discurso dominante. O professor, ao não refletir criticamente sobre sua própria prática docente, colabora para a continuidade de uma sociedade desigual, e para a invisibilidade dos sujeitos. Freire nos lembra que para nos elevarmos da ingenuidade, para a criticidade no ato de ensinar, é imprescindível a ética, e a estética.Onde,"decência e boniteza" devem "estar de mãos dadas." (2017,p. 34), e testemunhadas pela própria prática docente. Na rigorosidade metódica, ao irmos além das superficialidades que uma curiosidade ingênua possa ter, é imperativo compreender e interpretar o que se passa na sala de aula. Para reconhecermos necessidades e possibilidades de mudança. A performance do professor, seja autoritária, licenciosa ou dialógica, nenhuma dessas,"passa pelos alunos sem deixar sua marca." (FREIRE, 2017, p. 64). A natureza da performance docente as sujeita o aluno, significando sentidos, os quais se materializam em suas performances discentes. Pelo olhar sensível da performance, e da AD, podemos desvelar as opacidades dos vários discursos pedagógicos que permeiam a sala de aula. Assim como, as concepções de conhecimento dos professores e instituições materializadas em suas práticas docentes.

Refletir pela educação performativa, e pela AD, é olhar as subjetividades, o implícito, e possibilidades. É buscar compreender a performance do corpo disciplinado, mas registrado como ausência. Da presença indisciplinada que performa a inquietação. Ou ainda, vislumbrar performances significadas pelo aprender pelo fazer, incluindo "aproximações experienciais que convidem os estudantes a lutarem corporalmente" com

o objeto de conhecimento, nas suas múltiplas possibilidades de sentidos que este possa ter (PINEAU, 2013, p. 52).

Educação Performativa como proposta metodológica na prática docente

As práticas performativas incluídas no processo do ensino dão vida, movimento, expressão, provocando o afeto-cognitivo ao processo ensino e aprendizagem, sendo capazes de recolocar o corpo na sua expressividade e aprendizagem no centro do processo (PEREIRA, 2013).

Torna-se necessário desconstruir a ideia de, somente a mente aprende, mas "aprender com a mente e o corpo" em movimento, rompendo com a escolarização do corpo, o qual foi formatado e condicionado a estática (PEREIRA, 2013).

A Educação Performativa, ou como chamada em outras literaturas, Pedagogia Crítico-Performativa (PINEAU, 2013, p. 37), envolve sentidos, recria saberes, e pelo movimento do pensar com o corpo, é o modo vivo e vivido de comunicação e interação que possibilitam a cognoscividade no espaço educacional.

Um processo formativo, alicerçado somente na teoria racionalista, se reflete em aulas que se baseiam somente na transmissão de conceitos, muitas vezes sem sentidos aos alunos, pois retira a reflexão, imaginação e por fim, a humanização do processo. A coexistência entre mente e corpo, ensino e pesquisa, prática e teoria, sujeitos e objeto de conhecimento, na concepção de educação crítica, se faz necessária como política social.

Pela Educação Performativa, que nos traz a reflexão e dialogicidade que lhe é própria, buscamos por práticas que dêem importância e considerem o diálogo e o corpo, e nos processos formativos de ensino-aprendizagem da geografia. Práticas que permitam a apropriação de espaços, interação entre pessoas e objetos de conhecimento, considerando tanto a individualidade do aluno, como sua sociabilidade de maneiras experienciais diversas.

No contexto da ciência geográfica, compreendemos que o espaço é o produto das inter-relações, onde acontece as percepções e significações, lugar de possibilidades em permanente construção. De acordo com Rego e Nunes (2011, p.87), o espaço se apresenta como uma educação para a vida, uma educação (do) sensível em que o corpo é lócus da existência e a corporeidade é práxis de um conhecimento corporificado. A propositiva dos autores, para o ensino da geografia consiste em atividades sinestésicas, onde pelo corpo se aprende e apreende o conhecimento. Processos de ensino-

aprendizagem, se valendo de atividades sensoriais, que levem o sujeito a ter diferentes sensações (tocar, sentir, ver, escutar, degustar), como também diferentes formas de comunicação, sendo assim, uma prática educativa performativa.

Trazemos no *corpus* deste texto, práticas realizadas a partir do conceito da Educação Performativa na disciplina de geografia. Práticas essas denominadas de experimentações performativas, que envolvem performances de curta duração, visando estimular a comunicação, expressão e a imaginação. Como também, paralelo as experimentações, foi realizado atividades de ensino e aprendizagem da geografia, que também se embasam na Educação Performativa, que prezam pela comunicação, interação, expressão, movimento e interlocução. Descrições mais detalhadas dessas atividades de geografia foram suprimidas neste artigo. Contudo, as atividades se revelam nos discursos dos alunos na análise das materialidades. Aulas de campo, manuseio com diferentes objetos para aprendizagem da geografia, exploração de outros espaços formativos, expressão, movimento e interação de sujeitos e ideias, são alguns exemplos dados pelos sujeitos da pesquisa, deixando compreender modos e formas de inserção da educação performativa.

Vesentini (2009) aponta, assim como Freire (2017) de o professor refletir sobre a práxis, ter autonomia, ousar, ser intelectual para uma revalorização da educação e da ciência geográfica, e não ficarmos em um discurso vazio. Atenta para a geografia se voltar a uma ação mais psicopedagógico e sinestésica. Nesse sentido, a Educação Performativa vem interpelar sobre a performance docente e discente, colaborar para a compreensão da prática docente performada, instigar a reflexão, e (re)pensar o corpo e corporeidade de docentes e discentes. Compreender os processos de escolarização do corpo, é a possibilidade de desconstruir paradigmas dominantes, encarnando outras maneiras mais capacitadoras de ser e fazer educação (PINEAU, 2013, p. 42).

Ainda na área geográfica, Castellar (1999) aponta para a primordialidade de se repensar a relação entre professor e aluno, relação entre quem ensina e quem aprende, e o que ensina, sendo determinante o cognitivo e afetivo estarem voltados a atuação docente para a qualidade do ensino. Nesse mesmo sentido, a Educação Performativa, vista aqui como forma de comunicar e interagir, implica a necessidade da alteridade, empatia e afetividade, onde ao compreender o outro, nos compreendemos.

A prática docente deve colaborar para uma educação integral, a fim de que se formem sujeitos não somente imbuídos de conhecimentos teóricos e científicos, mas para que sejam sujeitos de responsabilidades e direitos, reflexivos, críticos e atuantes frente as diversas realidades. Desta forma, a Educação Performativa no ensino da geografia, vem

corroborar para o ensino e aprendizagem de uma ciência geográfica que explore as diversas formas de comunicar, se comunicar, interagir, imaginar e sentir. Práticas que (re)pensem o corpo e a corporeidade, tanto do professor, como do aluno,. E assim, possibilite diferentes formas de aprender e apreender o conhecimento, comunicar e se comunicar, de falar e ouvir, de expressar e sentir.

Experimentações performativas em sala de aula

As experimentações performativas realizadas buscaram por atividades sensoriais e imaginativas. Segundo Orlandi (2016, p. 89), pela AD, esse tipo de atividade significa sensações, as quais não são sentimentos abstratos, mas efeitos de sentidos, relativos a práticas de existência, com a necessidade de significar e se significar. O ato performados nas experimentações que seguem, regados pela ludicidade, buscou ativar sensações, imaginação e reconhecimento do corpo do aluno, que por muitas vezes está invisível ou ausente na sala de aula, metaforicamente falando. Pois, muitas vezes, a realidade educacional condiciona o corpo e sua corporeidade aos paradigmas tradicionais, frente aos padrões de poder e controle sobre os alunos, mediante a alegação e preocupações excessivas com o conteúdo teórico, embasado em métodos tradicionais. Assim, subtraindo a boniteza do ensinar e aprender, como também, a ludicidade que o processo educativo possa ter.

Dessa forma, recorremos aos estudos de Gonçalves (2016),sobre experimentações performativas. A autora denomina como experimentações performativas, uma variedade de ações corporais por meio da ludicidade. Atos performativos que procuram mobilizar e explorar nos sujeitos, revisitando suas memórias, sensações, imaginação, experiências, e (re)conhecimento do corpo, por meio de expressões, movimento e interação, embalados na alteridade e afeto-cognitivo.

Adotada como proposta metodológica, articulada ao ensino e aprendizagem da geografia, (re)pensamos a prática docente, a partir da incorporação das experimentações performativas. Pois, como dito no início deste texto, se percebeu dificuldades dos alunos em desenvolver determinadas atividades que requeresse a interlocução entre professora e alunos, e/ou outras formas de expressão e comunicação. Dificuldades como, inibição em expor ideias nas aulas dialogadas, apresentações de trabalhos orais, e performances artísticas que envolvessem o corpo e a corporeidade, como teatro e poesia. Na reflexão

sobre esses corpos escolarizados, se traçou estratégias que possibilitassem a desconstrução desse paradigma significados, quanto formas de comunicar e se expressar.

Foram dez experimentações performativas, orais, corporais e imaginativas, de curta duração,(cerca de dez a quinze minutos), as quais foram realizadas de forma contínua. Se buscou (re)pensar junto aos alunos a importância do corpo e da corporeidade, não somente em sala, mas como também explorar outros espaços formativos. E assim, desvelar sentidos sobre as aulas de geografia muitas vezes subjetivas no *corpodiscursivo* dos alunos.

Na primeira experimentação performativa os alunos foram instigados a performar diferentes hábitos cotidianos (Fig. 1). Esse ato performativo, aparentemente simples, necessita de imaginação e coordenação motora. Ao aluno performar, demais colegas deveriam adivinhar o hábito que estava sendo encenado. Houve certa inibição dos alunos inicialmente, mas o interesse pelo jogo lúdico acabou se sobrepondo.



Figura 1 - Experimentação performativa - hábitos cotidianos.
Fonte: Arquivo da autora, 2017.

A segunda experimentação foi realizada na área externa no colégio. Por meio de sorteio, os alunos deveriam imitar características de alguns animais (Fig. 2). Para dar maior segurança e conter a timidez, os mesmos performaram em duplas. Ambas experimentações performativas (Fig. 1 e 2), podem contribuir quando o professor tem como proposta metodológica trabalhar conteúdos por meio do teatro, ou poesia. Pois, muitas vezes, alunos tem certa timidez em expor sua corporeidade para desempenhar um determinado papel em cena.



Figura 2 - Experimentação performativa - imitação de animais.
Fonte: Arquivo da autora, 2017.

Muitas vezes em sala de aula propomos aos alunos metodologias que explorem a imaginação, seja em uma redação, história em quadrinhos, ou mesmo quando problematizamos um determinado assunto para abordar um conteúdo da geografia. Nesta turma em questão, foi observado que existia certo receio de arriscar respostas. O imaginativo, a possibilidade de erro e acerto, eram sufocados pela ideia errônea que sempre se deve saber a resposta certa, e que não há espaço para dúvida e o erro, em sala aula. O ato performativo de dar continuidade a uma história (Fig. 3), propõe dar espaço a imaginação, a criação e a espontaneidade de ideias.



Figura 3 - Experimentação performativa - continuar a história.
Fonte: Arquivo da autora, 2017.

A demonstração de carinho, o riso e o contato físico são muito importantes no ambiente escolar. Possibilitar momentos assim, abre espaço para o afeto-cognitivo, e para a alteridade, mediados pelo toque. A performance de cumprimentar e abraçar (Fig. 4) permitiu os alunos reconhecerem a sala de aula, como espaço de alegria e leveza.



Figura 4 - Experimentação performativa - cumprimentos e abraços.
Fonte: Arquivo da autora, 2017.

A rotina escolar muitas vezes asfixia singularidades e particularidades dos alunos. Ao possibilitar que expressem seus sonhos (Fig. 5), pela escrita e fala, demonstramos não somente nosso interesse como professor em conhecê-lo melhor, como abrimos espaço para a turma se conhecer. A performance gera curiosidade pelo outro, afetividade e possibilita a alteridade, se compreender a partir do outro.



Figura 5 - Experimentação performativa - “escreva seu sonho".
Fonte: Arquivo da autora, 2017.

A experimentação performativa onde alunos deveriam escrever sobre o que o mundo precisa (Fig. 6), revelou a capacidade crítica dos mesmos. Suas posições, ideias, valores morais, atenção e entendimento frente a acontecimentos no Brasil e mundo. A exposição de opinião gerou discussões e análises críticas sobre diversos temas. Nesse momento, se constatou que as experimentações performativas estavam começando a dar resultados positivos, vista pela espontaneidade dos alunos.



Figura 6 - Experimentação performativa - "o mundo precisa de…"
Fonte: Arquivo da autora, 2017.

Novamente foi realizado ato performativo que instigou a imaginação. O aluno deveria pensar em um objeto, ou uma profissão, e se transformar (Fig. 7), ou melhor, performar este. A atividade também corrobora para atividades artísticas como acontecimento.



Figura 7 - Experimentação performativa - "eu te transformo em…"
Fonte: Arquivo da autora, 2017.

Um dos entraves em sala de aula muitas vezes é a falta de atenção do aluno, concentração e silêncio. A experimentação onde alunos deveriam performar uma estátua (Fig. 8), tentou explorar esses três aspectos, além de estimular controle do corpo e trazer a ludicidade. Alunos foram estimulados a circular na sala, e ao sinal de um apito, deveriam rapidamente parar, e virar estátua na exata posição que se encontravam.



Figura 8 - Experimentação performativa - estátua.
Fonte: Arquivo da autora, 2017.

Além de lúdico, o ato performativo de escrever nas costas do amigo algo sobre ele (Fig. 9), proporciona ao professor possibilidade de instigar os alunos a dizerem coisas positivas, por meio da escrita, aos seus colegas. Na atividade os alunos se deparam com a necessidade de pensar sobre o outro, além de gerar curiosidade entre eles sobre o que colegas pensam e/ou escreveram no papel colado em suas costas.



Figura 9 - Experimentação performativa - nas costas do amigo.
Fonte: Arquivo da autora, 2017.

A última experimentação performativa deu espaço aos medos (Fig. 10) dos alunos.Encobertos por um pedaço de tecido, eles deveriam falar bem alto o seu maior medo. A grande maioria se referiu ao medo de insetos peçonhentos, outros a perda de alguém da família e/ou amigos. A atividade foi muito tranquila, muitos momentos engraçados, e vale destacar que em algumas das falas, alunos demonstraram empatia ao medo do colega.



Figura 10 - Experimentação performativa - meus medos.
Fonte: Arquivo da autora, 2017.

Após a realização das experimentações performativas, e consequentemente, mais expressivos, abertos a novas propostas de ensino e aprendizagem na disciplina de geografia, foi proposto que em equipes os estudantes respondessem questões definidas e objetivas. Relativas aos sentidos que estes têm sobre como aprenderam, aprendem e gostariam de aprender geografia.

Esse momento teve como objetivo desvelar sentidos em seus enunciados escritos, nos discursos, sentidos sobre a prática docente no ensino e aprendizagem da geografia.Posteriormente, também foi proposto que estes estudantes, denominamos aqui de “alunos-performers”, performassem (foto) três momentos temporais de sua aprendizagem, quanto a disciplina de geografia. Como era antes a aprendizagem, o presente, e como desejam num futuro próximo, o ensino-aprendizagem nas aulas de geografia.

Análise de Discurso: sentidos significados sobre as aulas de Geografia

De acordo com os estudos de Orlandi (2016) sobre os processos de significação, o corpo significa, o indivíduo é interpelado em ser sujeito pela ideologia, dando assim sua materialidade: "(...), a significação do corpo não pode ser pensada sem materialidade do sujeito. E vice-versa, ou seja, não podemos pensar a materialidade do sujeito sem pensar a sua relação com o corpo" (ORLANDI, 2016, P.83).

Dessa forma, indagamos: como a escola, vista como condições de produção, e seus processos de ensino e aprendizagem, interpelam o sujeito por meio de suas ideologias e significam esses efeitos sentidos em seu corpo? Como percebemos essa materialidade do sujeito, esse *corpodiscursivo* em sala de aula, nas aulas de geografia? Quais efeitos de sentidos estão significados? Parafraseando, como o sujeito-aluno, é afetado pelas condições históricas, políticas e ideológicas, no processo escolar no ensino de geografia, e como isto significa em seu corpo? E ainda, pelo discurso discente, qual é a concepção de conhecimento do professor, materializada na sua prática docente, e conseqüentemente significada no aluno?

É nesta relação entre sujeito, corpo, linguagem e sociedade, que Orlandi nos ajuda com seus estudos referente a dança, a compreender essa materialidade do sujeito, o corpo, e o espaço que o significa, no caso desta pesquisa, a sala de aula. Nas diferentes linguagens, verbais e corporais, existem elementos denominados por Orlandi (2016, p. 88) de abertura do simbólico. Ou seja, "diferentes formas materiais significantes",onde para significar e significarmos nos valemos da pintura, poesia, canções, música, dança, etc. Aqui, vemos como material significante, as diferentes linguagens e performances docentes, experienciadas na prática docente pelos alunos. As quais podem ser o livro didático, mapas, imagens, e a própria performance do professor, etc. Como dispositivo analítico neste trabalho, temos a linguagem corporal realizada pela performance fotográfica, que é a textualidade no corpo do sujeito, e a própria escrita, linguagem verbal pelos enunciados discursivos.Esses dispositivos, linguagem/discurso verbal (escrito), e linguagem/discurso corporal (foto), nos amparam para análise dos processos de funcionamento do discurso, e efeitos de sentidos significados, pelos processos de escolarização, realizados nas práticas docentes no ensino-aprendizagem da geografia.

Na análise da materialidade discursiva, propomos um diálogo teórico/analítico entre a AD, e a Educação Performativa, na concepção freireana.

Materialidades analisadas: discursos dos estudantes e performances fotográficas

Após as experimentações performativas possibilitarem uma dialogicidade e interação, entre alunos e professora, os grupos escreveram sobre as práticas experienciadas nas aulas de geografia. Lembramos que os discursos abaixo estão na íntegra, sem correções, assim como, preservamos nomes e imagem dos sujeitos da pesquisa. Também, sabemos que esta análise pode ter outros olhares, não deslumbrados neste trabalho, possibilitando novas discussões.

Primeiramente os discursos corresponderam sobre suas experiencialidades nas aulas de geografia no quinto ano, ou seja, passado recente, tendo como tema disparador:

Discutam em grupo sobre como eram as aulas de Geografia no quinto ano, de como eram realizadas as atividades, façam anotações abaixo:

Grupo A *Era muito chata, era muito poucas as atividades em grupos, escreviamos muito não saiamos da sala, usamos muito livro, muitos mapas só para ver as cidades.*

Grupo B *As aulas de Geografia eram consideradas, particularmente chatas pela maioria dos alunos. Pois eram concentradas em atividades teóricas como cópia, leitura e análise de mapas, raramente fazíamos aulas práticas. Geralmente as atividades eram individuais e, vez ou outra fazíamos atividades em grupo Nos estudos falava-mos sobre as 5 regiões do Brasil e, quando inicializávamos uma nova região, eram nos dado, o mapa da região para pintar.*

Ambos os **grupos A** e **B**, desvelam como as aulas de geografia, no quinto ano, eram pouco interessantes. Muitas individuais, teóricas baseadas na cópia, em sala de aula, e sem sentido quanto uso de mapas.Podemos facilmente detectar sentidos significados por uma prática docente tradicional, monótona, mnemônica, descontextualizada, e dissociadas entre teoria/prática. O conteúdo geográfico bastante limitado, restrito a colorir mapas, na lógica mecânica, sem conexão com a linguagem cartográfica e outros contextos.

O segundo momento, o tema a ser discutido foi em relação as aulas de geografia no presente:

Discutam sobre como são as aulas de Geografia no sexto ano, de como são realizadas as atividades, façam anotações abaixo:

Grupo A *Aulas de campo e observação, muitas aulas práticas, atividades em sala, usamos mapas, globo, microscópio, fizemos um teatro.*

Grupo B *As atividades de geografia são mais divertidas do que ano passado. Pois essas aulas tem mais conteúdo e fala sobre diversas coisas. Nesse ano nós observamos várias amostras que falavam sobre o nosso conteúdo que deixava mais interessante.*

Aqui percebemos que o **grupo A** faz referência às aulas de campo e observação, mas lembra que também houve atividades em sala, e consegue citar materiais utilizados, mas não colocam sobre o processo. O **grupo B** significa o ato de aprender coexistindo com a ludicidade. Deixam entender que o conteúdo tem mais sentido para eles, pois as aulas são mais interessantes, mas não citam atividades ou instrumentos utilizados.

Desvelamos que os discursos, se complementam, pois se o **grupo A** cita os materiais significantes, o **grupo B** discursa sobre o sentido significado pelo processo.

Terceiro e último tema proposto pela professora, foi a respeito das expectativas dos estudantes acerca do desenvolvimento das aulas de geografia num futuro próximo:

Discutam sobre como vocês gostariam que fossem as aulas de Geografia, façam anotações abaixo:

Grupo A *Mais aulas de campo, aulas práticas, mais atividades em grupo, atividades diferentes, assistir vídeos/filmes e fazer passeios.*

Grupo B *Que sejam mais práticas e bem mais dinâmicas e muito mais divertidas. Por que as aulas já estão boas do jeito que tão.*

Nestes enunciados podemos entender que, ambos os discursos, **grupo A** e **B**, colocam como ponto de referência o momento vivido, presente, em relação ao futuro. A partir disso, aponta para experiências futuras, se baseando no que está significado como positivo em relação a experiência recente. Vemos a aprovação das aulas atuais de

geografia, reforçadas no discurso, ao dizerem que as atividades realizadas devem ter continuidade. Suas sugestões para a prática docente, são bem amplas. Aulas de campo, inserção de outras formas e meios de linguagem, continuação de atividades práticas como construção do conhecimento, atividades e dinâmicas em grupo, as quais para eles são divertidas e diferentes.

Após esse momento, da materialização dos sentidos no discurso escrito, os alunos performaram, por meio da fotografia, seus sentidos sobre as aulas de geografia. Também nas temporalidades passado, presente e futuro. Instigados a encenar sobre aquilo que lhe significou em suas memórias, em cada temporalidade. O registro fotográfico buscou captar a textualidade corporal. Ou seja, o *corpodiscursivo* em sua materialidade.

A seguir, apresentamos a descrição das performances fotográficas, ou como chamamos neste trabalho, as fotografias performativas, nas quais podemos analisar o *corpodiscursivo* dos estudantes.

Como eram as aulas de Geografia no passado recente, 5º ano do ensino fundamental



Figura 11 - Performance aulas de Geografia no passado recente - Grupo A.
Fonte: Arquivo da autora, 2017.

Visualizamos na fotografia performativa (Figura 11), que foi representada pelo **Grupo A** de estudantes, alunos em sala de aula, carteiras enfileiradas, professora séria em frente a turma, com expressão de repreensão e livro aberto nas mãos. Seus corpos expressam desânimo, cansaço e desatenção da maioria dos alunos performers, um deles representando a indisciplina, jogando bolinha de papel, aparentemente na professora.

A imagem representa típica aula tradicional, tediosa, professora exercendo sua autoridade e/ou autoritarismo, sem interação de professora com alunos, e entre alunos, aula teórica focada no monólogo professoral.



Figura 12 - Performance aulas de Geografia no passado recente - Grupo B.
Fonte: Arquivo da autora, 2017.

Podemos visualizar na fotografia performativa (Figura 12), que foi representada pelo **Grupo B** de estudantes, alunos em fileiras na sala de aula, mãos apoiando cabeças em desatenção a aula. Professora em frente aos alunos, com livro na mão esquerda, e com a direita apontando para duas alunas de forma repreensiva, as quais estão em uma conversa discreta aparentemente, deixando entender que uma das alunas está explicando algo à outra. No fundo da sala, aluna com leve sorriso ao ver a advertência da professora a suas colegas.

Novamente vemos sentidos significados pelas aulas de geografia, baseadas no método bancário, aula conduzida pelo monólogo do professor, amparado pela teoria do livro didático, sem interação e interlocução entre os sujeitos, e objeto do conhecimento. Alunos desmotivados, com necessidade de diálogo entre si, mas inibidos pela performance da professora.

A seguir, temos a segunda proposição feita aos estudantes, as fotografias performativas relacionando sentidos no presente, das aulas de geografia no sexto ano, de ambos os grupos A e B, representadas nas figuras 13 e 14:

Sobre aulas de Geografia no presente – 6º ano do ensino fundamental



Figura 13 - Performance aulas de Geografia no presente - Grupo A.
Fonte: Arquivo da autora, 2017.

Os corpos em performance dos estudantes do **Grupo A** desvelam sentidos de uma aula de campo. Observação de um barranco na escola, sobre perfis do solo, plantas, raízes expostas. Alunos em grupo, analisando conteúdo no caderno e conversando sobre, entre eles, e com professora. Atividade prática se apresenta como interessante, há interlocução entre todos, professora, alunos e objeto de estudo.



Figura 14 - Performance aulas de Geografia no presente - Grupo B.
Fonte: Arquivo da autora, 2017.

Nesta fotografia, os corpos em performance dos estudantes do **Grupo B**, revelam alunos no chão da sala de aula, representando as várias experimentações performativas

significadas. Rindo, imitando animais, escrevendo, e professora fotografando a atividade. Percebe-se que as experimentações performativas foram bem marcantes para este grupo, deixam transparecer que estão realmente se divertindo no espaço escolar.

Por último, a proposta da professora, foi que os alunos performassem sobre como anseiam que sejam as aulas de geografia num futuro próximo.

Sobre aulas de Geografia no futuro próximo



Figura 15 - Performance aulas de Geografia no futuro próximo - Grupo A.
Fonte: Arquivo da autora, 2017.

Podemos visualizar na fotografia performativa (Figura 15), que foi representado pelo **Grupo A** de estudantes, alunos reunidos e sentados no chão do pátio da escola em círculo. Estão performando uma atividade de pesquisa em seus celulares, fazendo anotações em seus cadernos, e socializando conhecimentos entre eles.A tecnologia é o foco da performance, uma ferramenta tecnológica que os estudantes deixam expressa em seus *corpodiscursivo*.



Figura 16 - Performance aulas de Geografia no futuro próximo - Grupo B.
Fonte: Arquivo da autora, 2017.

Os estudantes performers do **Grupo B**, expressão sentidos sobre as aulas de geografia realizadas em espaço externo e arborizado da escola. Alunos reunidos, alguns fazendo anotações, outros pensativos, e ainda, alguns com braços levantados em sinal de quererem interagir com a professora, que está junto a eles explicando algo.Muito interessante este grupo expressar suas necessidades de interação e interlocução, com o "levantar de braços para perguntar", percebe-se essa necessidade.

Algumas considerações

Percebemos que os sentidos desvelados nos discursos dos alunos performers, correspondentes ao quinto ano, tanto em seus enunciados escritos, como em suas performances fotográficas, retratam como condições de produção, a inexistência da reversibilidade entre sujeitos. Aprisionamento do corpo na cadeira da sala de aula, conduzido por monólogo do professor e aulas mnemônicas, restringidas ao livro didático. Apontam condições de reprodução da educação bancária, formatada no paradigma tradicional. Prática docente baseada na escolarização autoritária, mediada pela teoria, silenciamento, adestramento ou docilização do corpo, priorizando a atenção mental do educando, com o professor exercendo sua autoridade e/ou autoritarismo, e ausência da prática dialógica.

No discurso analisado referente ao sexto ano, no presente, sobre as aulas de geografia, atribuímos sentidos e condições de produção diferentes. Cabe ressaltar que os **Grupos A** e **B**, participantes da pesquisa, não pertencem mais ao ensino fundamental das

séries iniciais, e sim, agora das séries finais, no momento atual. Antes, os mesmo eram alunos de uma única professora, ministrando diversas disciplinas (quinto ano), entre elas geografia, com exceção de educação física e arte, agora esses estudantes têm um professor para cada disciplina, tendo uma exclusiva na/da área de geografia.

Os sentidos desvelados, tanto nas performances fotográficas, como nos enunciados escritos, deixam transparecer certo entendimento sobre a prática docente, eobjetos cognoscíveis da geografia. A qual buscou não dissociar teoria/prática em sala de aula. A atividade de observação em campo, a apropriação de diferentes espaços formativos, se significaram como atividades com sentido e prazerosas. Como também, o uso e manuseio de diferentes instrumentos utilizados pela geografia, os quais foram citados, e relacionados a alguns conhecimentos trabalhados em sala. Atividades em grupos que promoveram movimento, interlocução e dialogicidade entre professora, alunos e conhecimento, assim como as atividades performativas que procuraram recolocar corpo nas atividades (de campo), em contato com diferentes materiais (solo, plantas, microscópio, etc.), também foram mencionados. As experimentações performativas ganharam presença nos enunciados escritos, e na performance fotográfica, tidas como "divertidas". Mas, principalmente, foi possível constatar sua relevância como método, pela atmosfera percebida ao longo das aulas. Alunos mais participativos, desinibidos e receptivos a outros métodos mais dialógicos de aprender. Em especial, destacamos as contribuições das experimentações performativas da Educação Performativa. Os jogos, a ludicidade, o movimento, as expressões orais e corporais, e as reflexões, possibilitaram meios para diminuir entraves que motivaram esta pesquisa. O método performativo, possibilitou ruptura entre a apatia e o ânimo, o silêncio domesticado e o som da palavra dialógica, a timidez e a expressão corporal, entre o corpo presentificado como ausência e o corpo pensando e em movimento.

Por último, sobre os sentidos dos alunos de como gostariam de aprender geografia no futuro foi destacada as necessidades de realizarem atividades em grupos e fora da sala de aula, da interlocução entre sujeitos e inclusão da tecnologia. Celulares, mídias e computadores são instrumentos citados como auxílio em pesquisas e trabalhos. A inserção de tecnologias nos processos de ensino e aprendizagem, tem ganhado muito espaço quanto sua importância, tendo várias pesquisas acadêmicas já realizados nesse sentido.

Contudo, colocamos como indagação: como possibilitar uma efetiva transição paradigmática, da tradicional para a emergente, com essa escola tradicional do século XIX, ainda presente no século XXI?Onde temos batendo à porta da escola um "outro

aluno", mais conectado, com mais acesso à informações e cheio de ideias, e por muitas vezes sendo objeto de uma educação excludente e autoritária, que compactua com o *status quo* vigente, reproduzindo uma sociedade engessada e silenciada mentalmente e corporalmente?

A geografia cartesiana, moldada no paradigma dominante, ainda presente nos espaços escolares, entende o corpo como uma embalagem, ou um depósito que somente são processadas informações. Apontamos como solução, que é preciso desconstruir práticas tradicionais, trazendo para a compreensão do docente, por meio dos processos formativos, a concepção de conhecimento pós-moderno, emergente, embalados nos saberes freireanos, e na Educação Performativa. Para essa compreensão, é preciso reflexão da práxis, oportunizada por momentos dialógicos no processo formativo, possibilitar espaços discursivos para o sujeito-professor desconstruir e reconstruir sentidos corporificados em sua escolarização. É na interação e interlocução com outros, na dialogicidade, que podemos compreender nossa prática, e nutrirmos de outras formas de performar, na encarnação de outros modos de aprender e ensinar.

O diálogo entre o método da Educação Performativa, e Análise de Discurso de linha francesa, baseada na concepção de educação libertadora, buscou trazer à tona realidades muitas vezes encobertas pelo próprio sistema educacional. Não somente efeitos de sentido, mas possibilidades de apreensão dos conhecimentos da Geografia. Saber pelos discursos dos alunos quais são os sentidos significados pelas metodologias experienciadas nas aulas de Geografia, foi convidá-los a participar do processo de ensino, e de aprendizagem. Contudo, pelos discursos dos alunos, compreendemos que as concepções de conhecimento dos sujeitos-professores, materializadas e significadas pelas suas práticas docentes, nas aulas de geografia, refletem uma dicotomia, entre autoritário e libertadora.Ou seja, pelo discurso discente, compreendemos que as práticas docentes que permeiam a sala de aula, no ensino da geografia, são opostas, uma de tendência tradicional e outra progressista. A Educação Performativa, nos permitiu a reflexão sobre os processos que escolarizam o corpo, docente e discente, e a análise de discurso, possibilitou deslumbrar essas opacidades, que muitas vezes não vemos no ser-fazer docente. Como também, aspirar e polinizar práticas performativas que ressignifiquem a boniteza do ensinar e aprender.

Referências Bibliográficas

CASTELLAR, Sonia Maria Vanzella. Educação Geográfica: a psicogenética e o conhecimento escolar.In: **Caderno CEDES.** Vol. 25. nº.66. Campinas/SP. Mai/Ago, 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/%0D/ccedes/v25n66/a05v2566.pdfAcesso em:20/09/2017.

CONTE, Elaine; FIALHO, Bruno Passos. A Amizade nas Relações de Ensino e Aprendizagem. In: **Revista Eletrônica Perspectiva**. V. 34, N. 1. P. 205-239. Florianópolis, Santa Catarina, Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Jan/Abr. 2016. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2016v34n1p205Acesso em: 10/09/2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1987.

_____ . **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 55 ed., Rio de Janeiro, RJ, São Paulo, SP. Paz e Terra. 2017.

GONÇALVES, Michelle Bocchi. **Performance, Discurso e Educação:** re(construindo) sentidos de escola com professores em formação na Licenciatura em Educação do Campo - Ciências da Natureza. Dissertação de Doutorado. UFPR. 2016. Disponível em:http://www.ppge.ufpr.br/teses%20d2016/d2016_Michelle%20Bocchi%20Gon%C3%A7alves.pdf Acesso em: 15/10/2017.

NUNES, Camila Xavier. REGO, Nelson. As Geografias do Corpo e a Educação (do) Sensível no Ensino de Geografia.In: **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 86-107, jan./jun., 2011. Disponível em: http://www.revistaedugeo.com.br/ojs/index.php/revistaedugeo/article/view/17 Acesso em: 10/01/2018.

ORLANDI, Eni P. **Discurso e texto:** formulação e circulação dos sentidos. 4 ed., Pontes Editores. Campinas, São Paulo, 2012.

_____. **Discurso em Análise:** Sujeito, Sentido e Ideologia. 3 ed., Pontes Editores. Campinas, São Paulo, 2016.

PEREIRA, Marcelo Andrade. (Org.) **Performance e educação:** (des)territorializações pedagógicas. Santa Maria, RS. Ed. da UFSM. 2013.

PEY, Maria Oly. **A Escola e o Discurso Pedagógico**. São Paulo: Editora Cortez. 1988.

PINEAU, Elyse Lamm. PEREIRA, M.de A.(Org.). **Pedagogia Crítico-Performativa:** Encarnando a Política daEducação Libertadora. P. 37-58. IN.: Performance e educação: (des)territorializações pedagógicas. Santa Maria, RS: UFSM, 2013.

PINEAU, Elyse Lamm. Nos cruzamentos entre a Performance e a Pedagogia: uma revisão prospectiva.In: **Revista Educação e Realidade** daUniversidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, v.35, n.2. Mai/ago, 2010. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/viewFile/14416/8333Acesso em: 15/12/2017.

VESENTINI, José William. **Repensando a geografia escolar para o século XXI**. São Paulo: Plêiade, 2009.

Recebido em 25 de agosto de 2018.

Aceito para publicação em 20 de maio de 2019.